

# A DESVALORIZAÇÃO DO YUAN E SUAS IMPLICAÇÕES NO CENÁRIO MACROECONÔMICO E GEOPOLÍTICO GLOBAL

## THE DEVALUATION OF THE YUAN AND ITS IMPLICATIONS FOR THE GLOBAL MACROECONOMIC AND GEOPOLITICAL SCENARIO

*Álvaro José de Amorim<sup>1</sup>*



**Resumo:** O cenário econômico e geopolítico global está, fortemente, influenciado pela ascensão da China, cujo comportamento do yuan é crucial para entender as tendências futuras. A China tem se reposicionado de uma economia periférica para um centro global de influência, que desafia a estrutura de poder dominante. O Trilema de Mundell-Fleming, que destaca a impossibilidade de conciliar câmbio fixo, política monetária independente e mobilidade de capitais, é relevante para a China, que enfrenta desafios devido à saída de capital e ao diferencial de juros com os EUA. A desvalorização do yuan surge como uma estratégia para enfrentar o endividamento crescente e os riscos de deflação, que pode aliviar a dívida interna e fortalecer a competitividade das exportações. As implicações globais incluem possíveis rupturas econômicas e aumento do protecionismo, que refletem um novo equilíbrio de poder global. Logo, a política cambial da China é uma ferramenta estratégica essencial na sua trajetória de ascensão internacional.

**Palavras Chaves:** Yuan, China, Trilema de Mundell-Fleming, Desvalorização, Geopolítica, Endividamento, Deflação, Política cambial, Protecionismo e Balança comercial.

**Abstract:** The global economic and geopolitical scenario is strongly influenced by the rise of China, whose behavior of the yuan is crucial to understanding future trends. China has repositioned itself from a peripheral economy to a global center of influence that challenges the dominant power structure. The Mundell-Fleming Trilemma, which highlights the impossibility of reconciling a fixed exchange rate, independent monetary policy and capital mobility, is relevant for China, which faces challenges due to capital outflows and the interest rate differential with the US. The devaluation of the yuan appears to be a strategy to deal with growing indebtedness and the risks of deflation, which could alleviate domestic debt and strengthen export competitiveness. The global implications include possible economic disruption and increased protectionism, reflecting a new global balance of power. Therefore, China's exchange rate policy is an essential strategic tool on its path to international ascension.

**Keywords:** Yuan, China, Mundell-Fleming Trilemma, Devaluation, Geopolitics, Debt, Deflation, Exchange Rate Policy, Protectionism and Trade Balance.

---

<sup>1</sup> A pesquisa foi realizada com o apoio financeiro da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). <https://goias.gov.br/fapeg/>

## INTRODUÇÃO

O cenário econômico e geopolítico global contemporâneo está, intrinsecamente, ligado à dinâmica das grandes potências emergentes, especialmente, a China. O comportamento do yuan, a moeda chinesa, dentro desse contexto, revela-se um ponto crucial para a compreensão das tendências futuras na ordem mundial. Conforme argumenta Wallerstein (1999), o sistema mundial é caracterizado por uma estrutura de poder que tende a se concentrar em centros econômicos dominantes, enquanto periferias lutam para ascender. A China, ao longo das últimas décadas, tem desafiado essa estrutura, reposicionando-se de uma economia periférica para um centro de influência global, como destaca Arrighi (2008) em sua análise sobre a ascensão chinesa.

O Trilema de Mundell-Fleming, conhecido como o "Trindade Impossível". Mundell (1963), postula que um país não pode, simultaneamente, manter um regime de câmbio fixo, uma política monetária independente e a livre mobilidade de capitais. Este trilema é, particularmente, relevante para a China, que adota um regime de câmbio controlado, mas enfrenta desafios crescentes devido à saída de capital estrangeiro e ao diferencial de juros com os Estados Unidos.

A desvalorização do yuan, por sua vez, não pode ser entendida apenas como uma medida econômica isolada, mas como uma estratégia que interage, diretamente, com as questões de poder e influência global. A teoria geopolítica sustenta que as decisões econômicas de uma nação são, frequentemente, moldadas pelas necessidades de manutenção de poder e influência no cenário internacional. Segundo Fiori (2009), as moedas e as políticas econômicas são ferramentas fundamentais no jogo de poder entre as nações, onde cada movimento pode reforçar ou enfraquecer a posição de um Estado no sistema global.

Neste contexto, o endividamento crescente da China e os riscos de deflação que o país enfrenta apresentam-se como forças motrizes por trás de uma possível desvalorização do yuan. Como sugerem Costa (2016) e Tavares (2012), a geopolítica moderna é definida por uma complexa interação entre território, economia e poder, onde o controle sobre a política monetária e cambial é crucial para sustentar o desenvolvimento econômico e a estabilidade interna. A China, enfrenta uma alavancagem econômica sem precedentes e uma possível desaceleração de crescimento. Logo, pode optar por desvalorizar sua moeda como uma medida para aliviar o peso de sua dívida interna, aumentar a competitividade de suas exportações e, assim, reforçar sua balança comercial.

As implicações globais de tal movimento são vastas e complexas. De acordo com Arrighi (1996), a transformação das economias periféricas em potências centrais é, frequentemente, acompanhada por grandes disrupções na economia global, o que pode gerar um aumento do protecionismo e das tensões geopolíticas. A história recente das relações internacionais, marcada pelas crescentes políticas econômicas de proteção dos Estados Unidos e pela fragmentação das alianças econômicas tradicionais, como apontado por Huotari e Hanemann (2023), sugere que uma desvalorização do yuan pode intensificar essas tendências. Logo, promover uma nova onda de guerras tarifárias e políticas nacionalistas.

Em suma, a possível desvalorização do yuan representa não apenas uma questão econômica, mas um ponto de inflexão no equilíbrio de poder global. A análise das implicações desta ação deve considerar a interdependência entre economia e geopolítica, como destacado por Becker (2012) e Padula (2019), para compreender como a China pode utilizar sua política cambial como uma ferramenta estratégica para manter sua trajetória de ascensão no cenário internacional. Portanto, o estudo das possíveis repercussões dessa desvalorização oferece uma visão crítica sobre o futuro das relações de poder global, dentro de um sistema cada vez mais multipolar e competitivo.

### **TRINDADE IMPOSSÍVEL (TRILEMA DE MUNDELL-FLEMING)**

A Trindade Impossível, conhecida como Trilema de Mundell-Fleming, é um conceito central em economia internacional, amplamente, discutido na literatura acadêmica. Postula que um país não pode, simultaneamente, alcançar os três seguintes objetivos: política monetária independente, regime de câmbio fixo e livre movimentação de capitais. Obstfeld e Taylor, (1998).

A política monetária independente permite que um país ajuste suas taxas de juros para influenciar a atividade econômica doméstica, como controlar a inflação ou estimular o crescimento econômico. No entanto, ao escolher essa política, um país renuncia a um regime de câmbio fixo, pois a taxa de câmbio precisará ajustar-se para equilibrar as pressões monetárias internas e externas. Mundel, (1963).

Um regime de câmbio fixo é quando um país mantém a sua moeda atrelada a outra moeda ou a uma cesta de moedas, que estabiliza as expectativas cambiais e reduz as incertezas nas transações internacionais. No entanto, para sustentar um câmbio fixo, o

país deve renunciar a sua política monetária independente ou da livre movimentação de capitais, pois as flutuações cambiais seriam necessárias para acomodar diferenças nas taxas de juros. Fleming, (1962).

A livre movimentação de capitais permite que recursos financeiros fluam, livremente, através das fronteiras de um país, que facilita o investimento estrangeiro e a diversificação dos riscos. Contudo, para manter esse fluxo livre, um país precisa escolher entre a estabilidade cambial ou a independência da política monetária, já que as forças do mercado financeiro global influenciarão, fortemente, a taxa de câmbio. Shambaraugh, (2004).

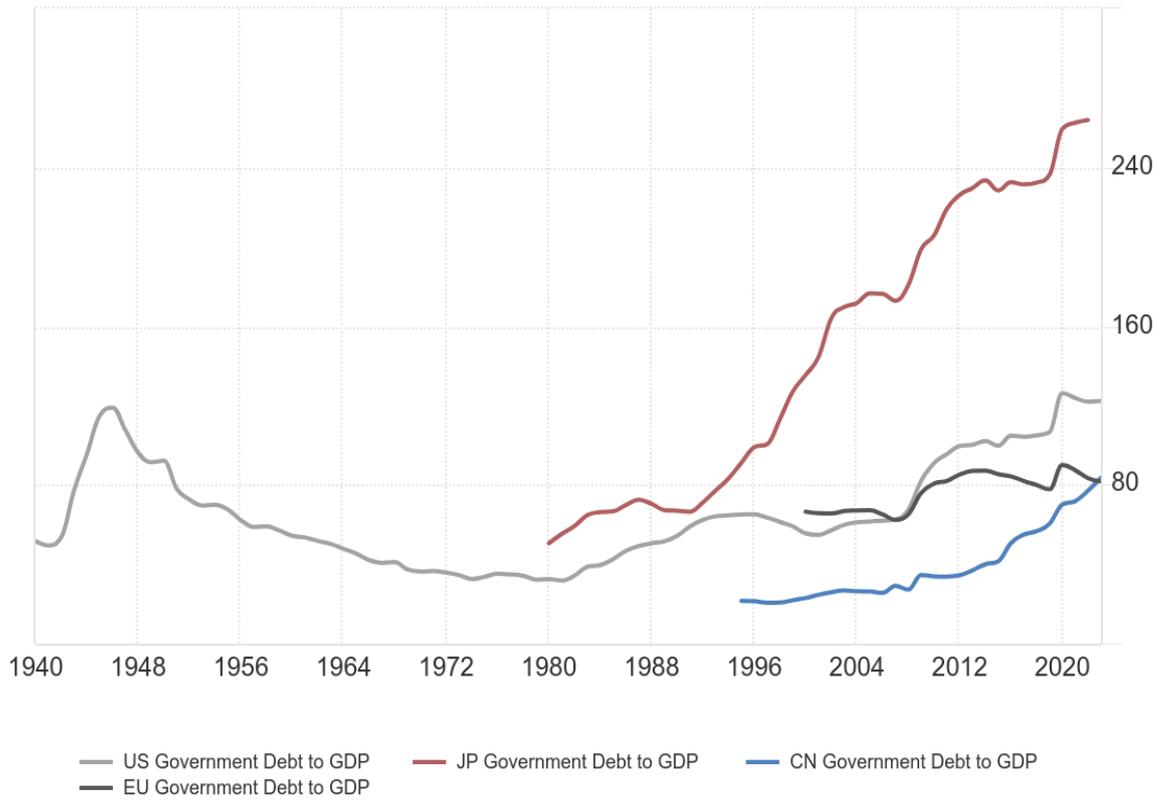
A China exemplifica o dilema da Trindade Impossível ao optar por um regime de câmbio fixo ou muito controlado e uma política monetária independente. Para manter essa configuração, o país impõe severas restrições à livre movimentação de capitais, que controla as entradas e saídas de capital através de políticas econômicas. Esse arranjo permite à China controlar sua taxa de câmbio e definir suas taxas de juros de acordo com as necessidades domésticas, mas limita sua integração financeira global. Obstfeld e Rogoff, (1995).

A escolha da China de priorizar a política monetária independente e o controle cambial sobre a livre movimentação de capitais tem implicações significativas para sua economia. Enquanto, permite um controle interno, cria desafios na atração de investimentos estrangeiros e na adaptação às dinâmicas econômicas globais. Esse trade-off, amplamente, discutido na literatura, demonstra as limitações impostas pelo trilema de Mundell-Fleming, especialmente, em economias em desenvolvimento que buscam crescer em um ambiente globalizado. Rey, (2013).

## **O ENDIVIDAMENTO DA ECONOMIA CHINESA E A DEFLAÇÃO**

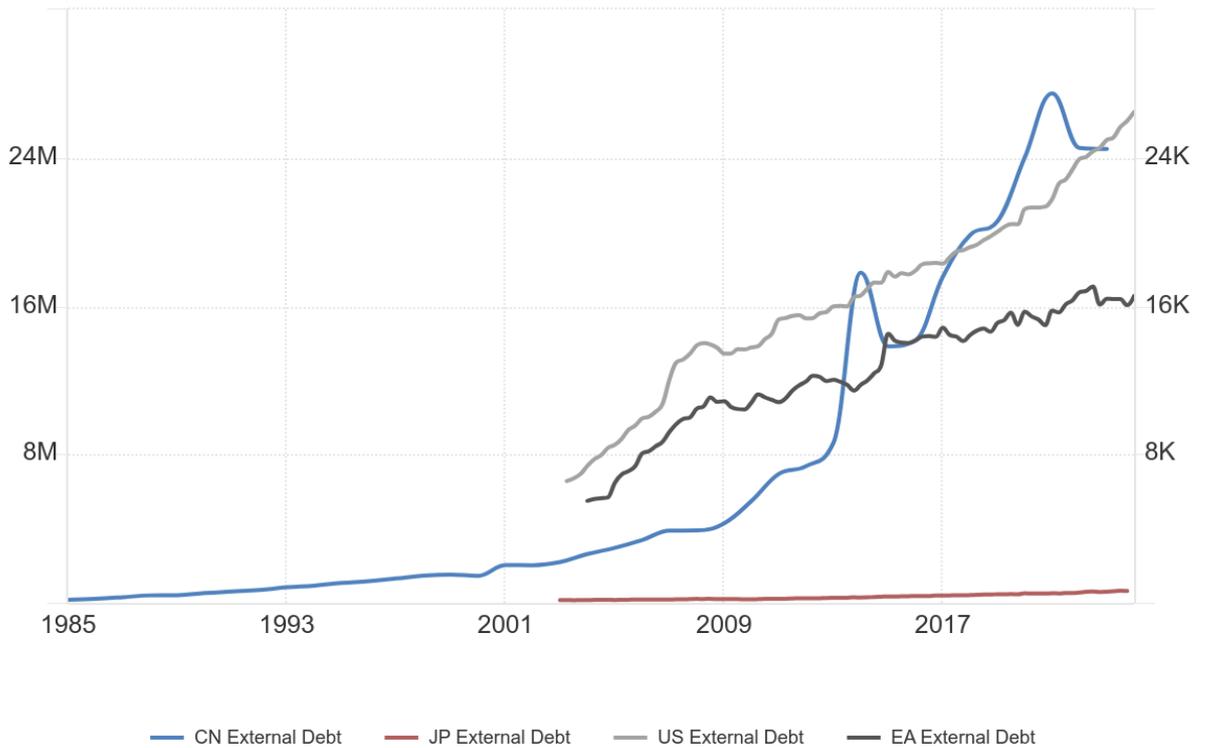
A análise do endividamento da economia chinesa e sua relação com a deflação revela um cenário complexo e, potencialmente, perigoso para a estabilidade econômica chinesa e global. Ao longo das últimas décadas, a China passou por um processo significativo de alavancagem econômica, com um crescimento notável tanto na dívida pública quanto na privada. Este fenômeno é evidente no setor corporativo, que, atualmente, ostenta uma das maiores relações dívida/PIB do mundo, que supera outras grandes economias, como o Japão, Estados Unidos e a Zona do Euro. Fiori (2007).

Source: tradingeconomics.com



**China - Dívida Pública % PIB**

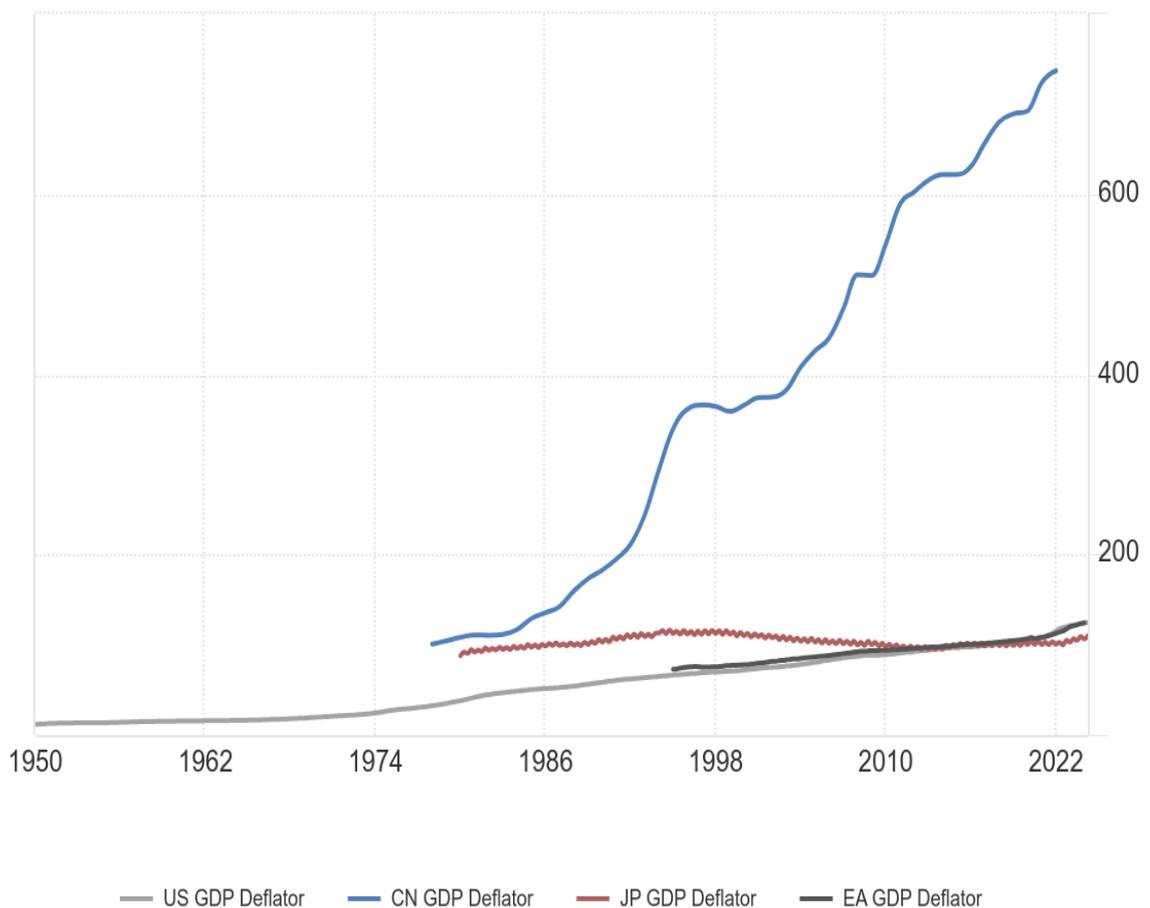
Source: tradingeconomics.com



China - Dívida Externa

Conforme Wallerstein, (1999) sugere em sua análise dos sistemas mundiais, o crescimento econômico de uma nação não pode ser entendido de forma isolada, mas deve ser contextualizado dentro de uma rede global de interações econômicas e políticas. Nesse sentido, o endividamento chinês não é apenas uma questão interna, mas tem repercussões globais, que afeta as dinâmicas de poder e o equilíbrio econômico entre as nações. A China, ao se alavancar em um nível tão elevado, não só aumenta sua vulnerabilidade a choques econômicos, como, amplifica o risco sistêmico em uma economia global interconectada.

Source: tradingeconomics.com



China - Deflação

A deflação, por sua vez, agrava essa situação. Em um ambiente deflacionário, o valor real da dívida aumenta, pois o poder de compra da moeda se fortalece. Isso significa que os devedores, neste caso, as empresas chinesas, altamente, endividadas – enfrentam um fardo crescente, já que suas obrigações financeiras tornam-se mais pesadas em termos

reais, Tavares (2012). Esse fenômeno é problemático em economias onde o setor corporativo é endividado, como é o caso da China.

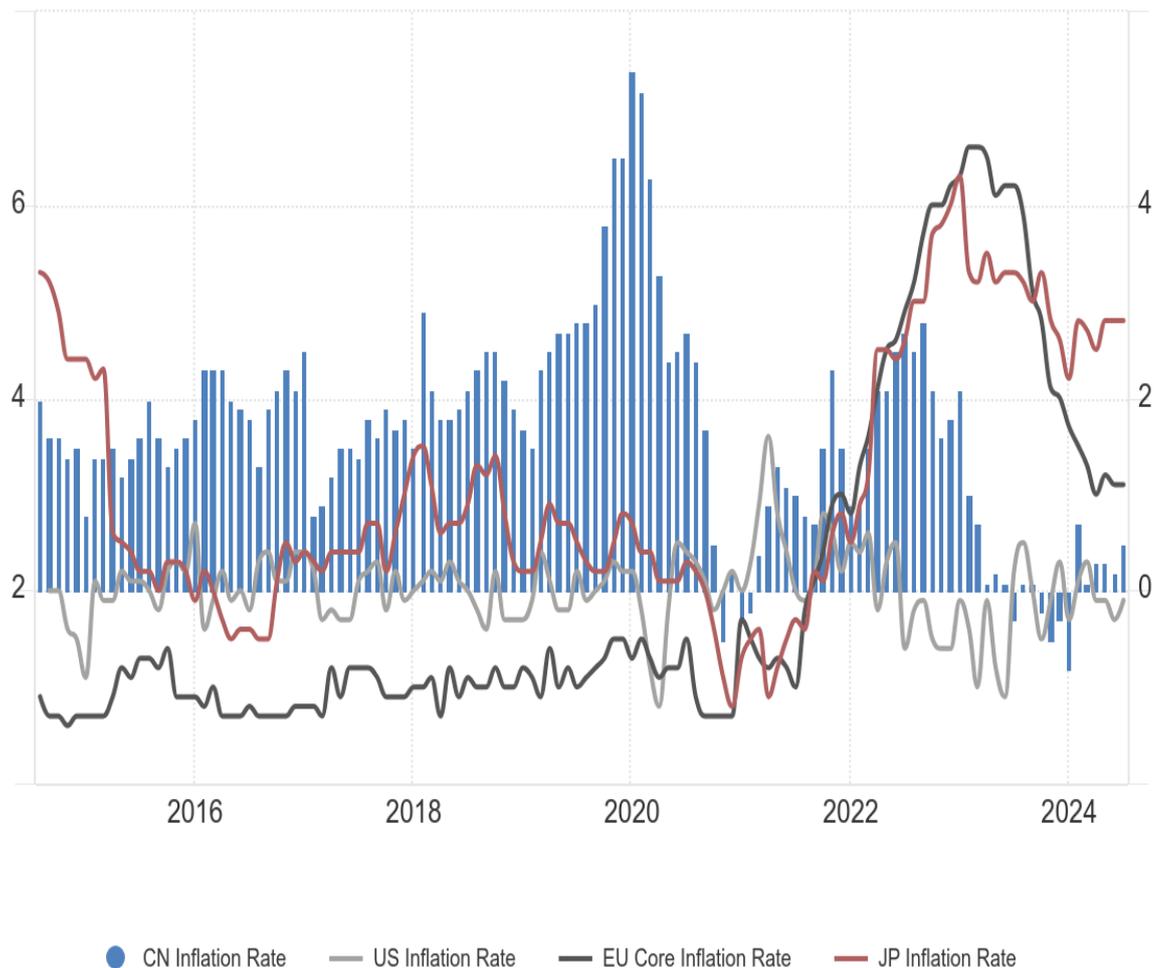
Source: tradingeconomics.com



**China - Taxa de Inflação**

A combinação de alto endividamento e deflação pode levar a um ciclo vicioso de contração econômica, no qual as empresas são forçadas a cortar custos, reduzir investimentos e demitir trabalhadores para atender às suas obrigações financeiras. Essa dinâmica pode resultar em uma espiral deflacionária, onde a redução do consumo e do investimento leva a uma maior pressão de deflação, que exacerba, ainda mais, o problema. Huotari e Hanemann (2023).

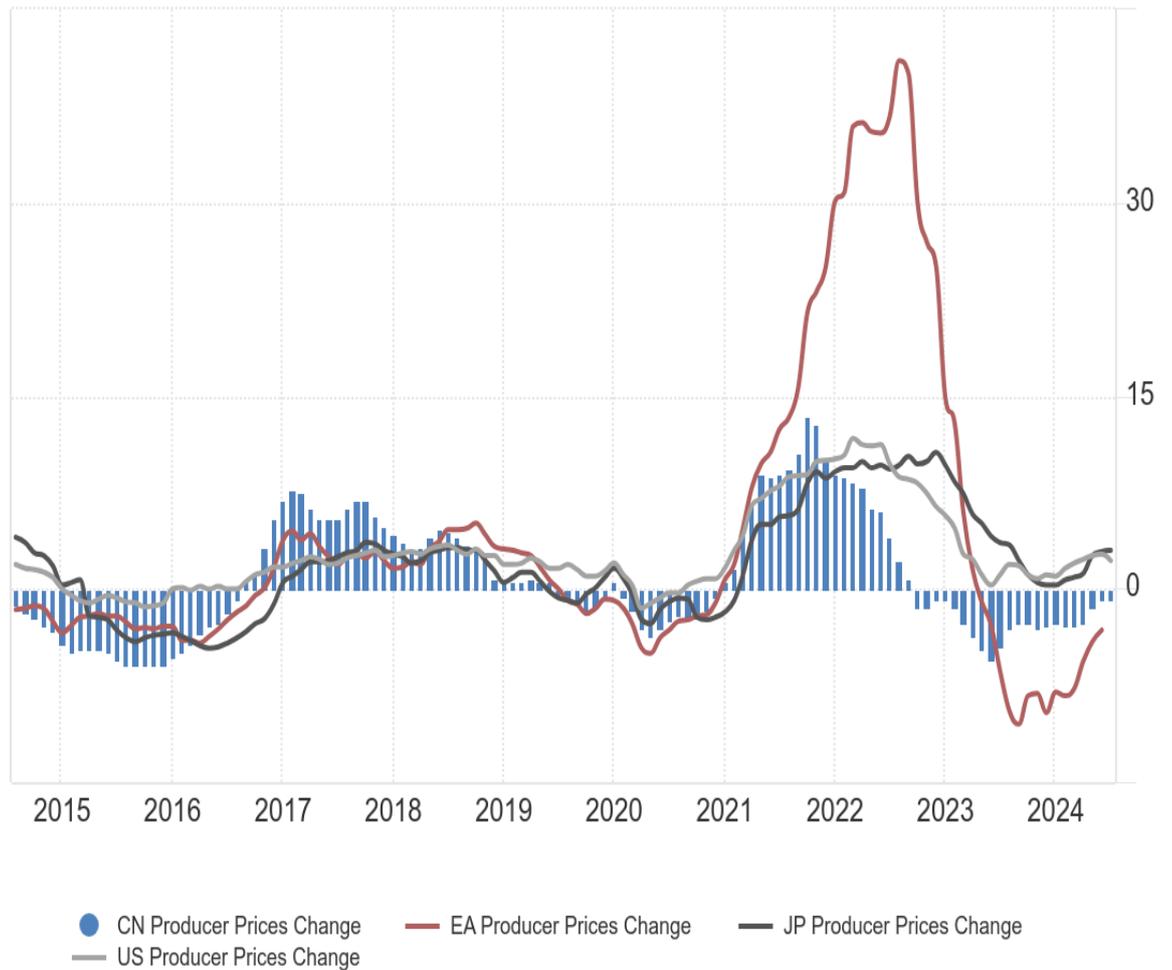
Source: tradingeconomics.com



#### China - Taxa de Inflação

Costa, (2016) argumenta que em um cenário de globalização e interdependência econômica, os problemas internos de uma grande economia, como a da China, têm implicações diretas para a geopolítica global. A deflação na China, associada ao alto endividamento, não é apenas uma questão econômica, mas uma questão de poder. A capacidade da China de manter sua posição dominante na economia global pode ser comprometida, o que poderia reconfigurar as alianças e rivalidades internacionais.

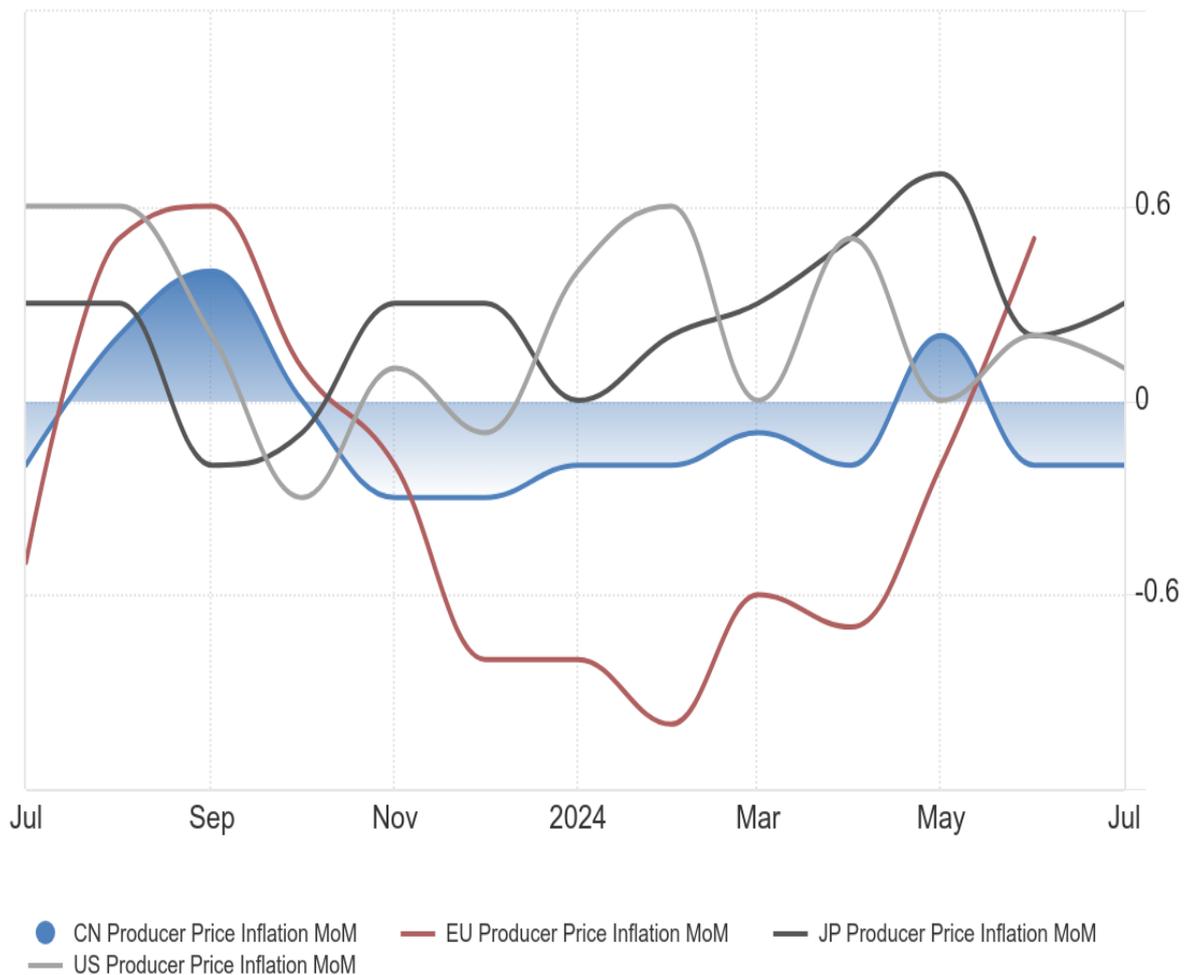
Source: tradingeconomics.com



**China - Preços Produtor (Anual)**

Arrighi, (2008) explora a ascensão da China no cenário global, destaca como o país tem utilizado sua expansão econômica para aumentar sua influência mundial. No entanto, a fragilidade subjacente, representada pelo alto nível de endividamento e pelo risco de deflação, pode minar essa trajetória ascendente. Como Fiori, (2009) observa, a estabilidade interna de uma nação é crucial para sua capacidade de exercer poder no cenário internacional. A vulnerabilidade econômica da China, portanto, pode ter implicações profundas não apenas para o país, mas para a ordem mundial como um todo.

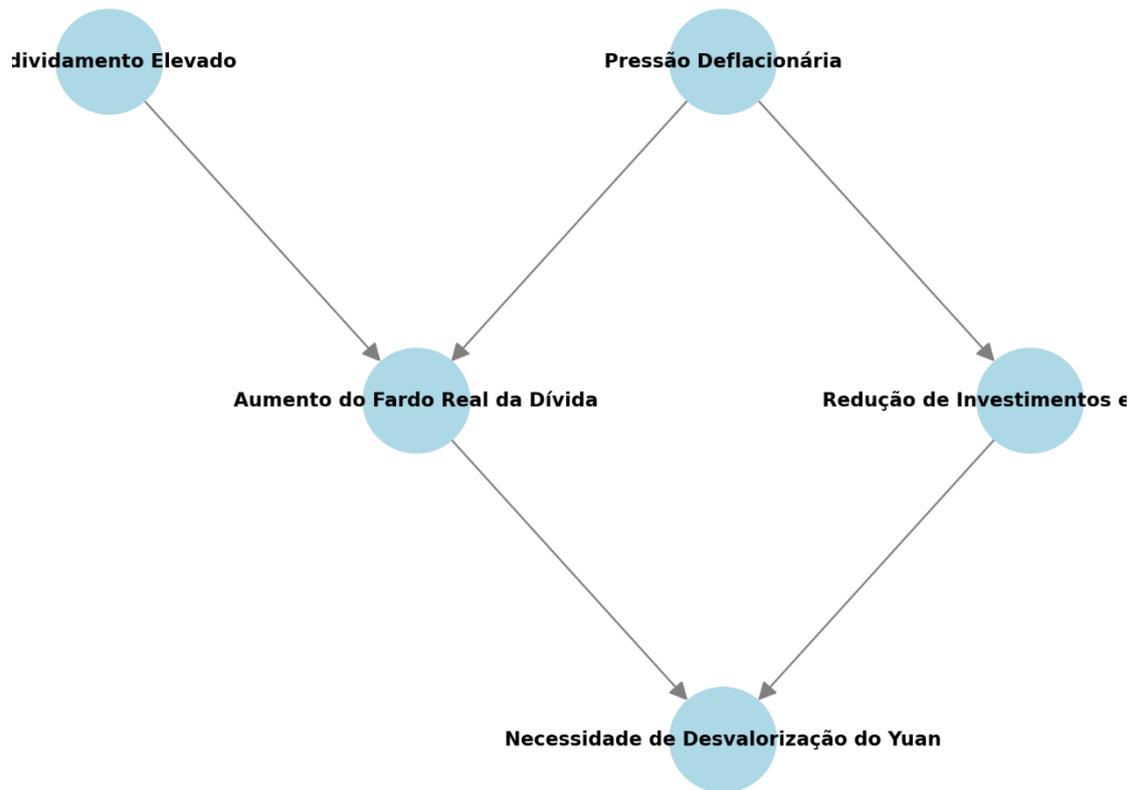
Source: tradingeconomics.com



#### China - Inflação De Preços Ao Produtor (Mensal)

A relação entre endividamento elevado e deflação na China deve ser entendida não apenas como um problema econômico, mas como um desafio geopolítico de primeira ordem. A possibilidade de que a China, em resposta a esses desafios, opte por desvalorizar sua moeda para gerar inflação e aliviar o peso da dívida, é uma estratégia que pode ter consequências significativas para o comércio global e para as relações internacionais PU, (2023). Logo, a interação entre endividamento, deflação e a política cambial na China pode redefinir o cenário econômico e geopolítico global nas próximas décadas.

Diagrama de Causa e Efeito: Endividamento e Deflação na China



**Objetivo:** Mostrar como o alto endividamento e a deflação na China estão interconectados e como isso leva à necessidade de desvalorizar o yuan. **Elementos:** **Causas Primárias:** Endividamento elevado, pressão deflacionária. **Efeitos Intermediários:** Aumento do fardo real da dívida, redução de investimentos e consumo. **Efeito Final:** Necessidade de desvalorização do yuan.

## MOTIVOS PARA A DESVALORIZAÇÃO DO YUAN

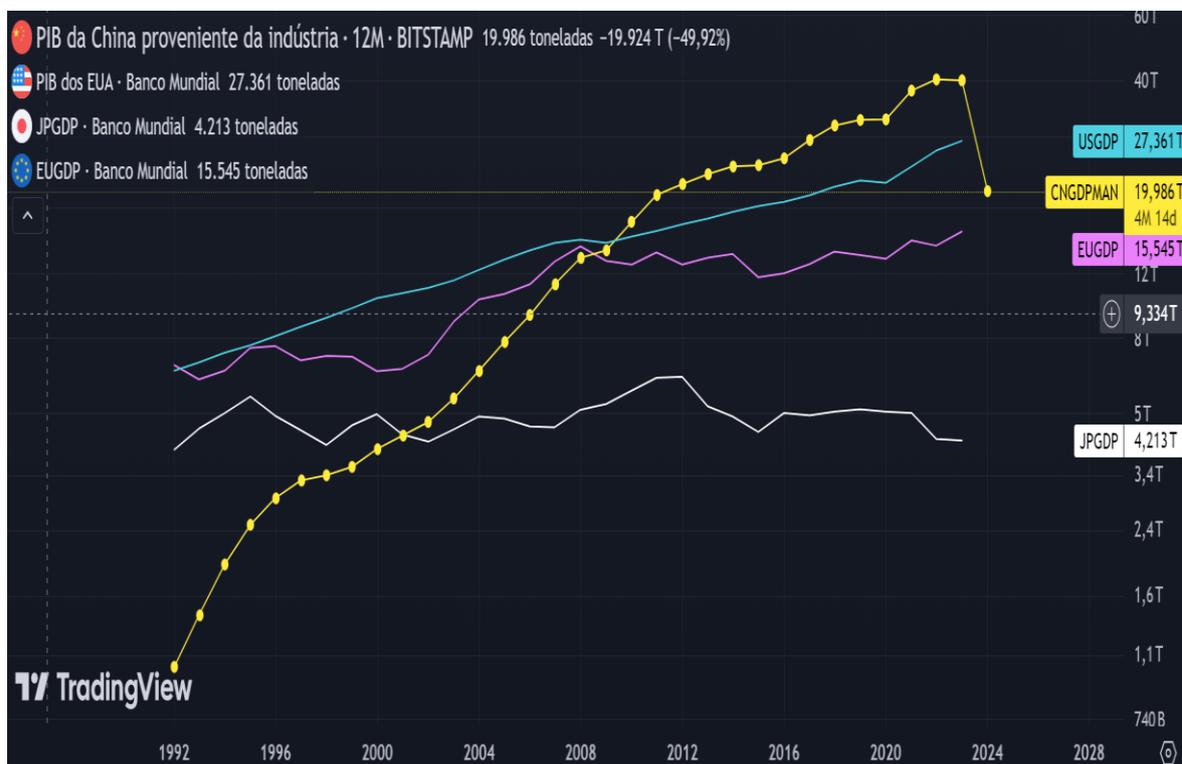
A desvalorização da moeda chinesa, o yuan, configura-se como uma ferramenta de política econômica com o potencial de produzir significativos impactos nas exportações chinesas e na economia global. A estratégia de desvalorização pode ser utilizada pela China para enfrentar os desafios econômicos internos, como o elevado endividamento e os riscos de deflação Arrighi, (2008). Neste contexto, a depreciação do yuan visa tornar os produtos chineses mais competitivos no mercado internacional. Logo, ampliar as exportações e impulsionar o crescimento econômico.

A China, ao longo das últimas décadas, tem se destacado por seu rápido crescimento econômico, o que foi em grande parte sustentado por sua capacidade de exportação. Conforme analisado por Amsden, (2004), o modelo de desenvolvimento chinês tem sido, fortemente, orientado para o exterior, com o país consolidando-se como a "fábrica do mundo". Neste sentido, a competitividade de suas exportações é crucial para

a manutenção de seu crescimento econômico. A desvalorização do yuan pode, portanto, ser vista como uma resposta às pressões econômicas internas e externas, que visa assegurar a continuidade desse modelo.

No entanto, a desvalorização da moeda chinesa não é um evento isolado e possui implicações amplas para a economia global. A partir de uma perspectiva geopolítica, Barbosa, (2020) argumenta que a ascensão da China tem gerado transformações significativas na economia-mundo capitalista, especialmente, no que se refere às relações comerciais entre os países. A desvalorização do yuan tende a intensificar essas transformações. Aumentar as tensões comerciais com os Estados Unidos, que podem responder com medidas protecionistas, como o aumento de tarifas sobre produtos chineses. Fato que se apresenta, atualmente, com demais países.

Além disso, a desvalorização do yuan pode impactar setores-chave da economia global, como o siderúrgico, o automobilístico e o de eletrônicos. Segundo Luedermann, (2020), a indústria automobilística chinesa, por exemplo, tem se beneficiado das políticas estatais de planejamento e desenvolvimento. Com um yuan desvalorizado, os veículos produzidos na China se tornariam ainda mais competitivos no mercado internacional, o que poderia levar a uma intensificação das disputas comerciais e ao aumento das tarifas de importação em países consumidores, como os Estados Unidos e a União Europeia.



Essas dinâmicas não apenas afetam os padrões de comércio, mas podem levar a um cenário de guerra comercial, onde o protecionismo e o nacionalismo econômico ganham força. Segundo Arrighi, (2008), o capitalismo mundial está em constante transformação, e os conflitos econômicos e políticos são parte intrínseca dessas mudanças. A desvalorização do yuan pode ser um catalisador para a intensificação desses conflitos, que resultará em uma maior fragmentação do sistema econômico global.

Além disso, a desvalorização do yuan tem implicações para a estabilidade econômica interna da China. O alto nível de endividamento das empresas chinesas, particularmente, no setor corporativo, conforme destacado por Fiori, (2007), aumenta a vulnerabilidade da economia chinesa a choques externos. A desvalorização da moeda pode, por um lado, aliviar a pressão sobre o serviço da dívida em moeda estrangeira, mas, por outro lado, pode aumentar a inflação interna, que pode aumentar os desafios econômicos que o país enfrenta.

A combinação de alto endividamento e deflação, como observado por Andaku, (2020), é, particularmente, perigosa, pois pode levar a um ciclo vicioso onde a desvalorização do yuan, ao invés de estimular a economia, acabe por aumentar o peso real das dívidas em termos de moeda local. Isso poderia forçar as empresas e o governo chinês a adotarem medidas ainda mais drásticas para conter a inflação e estabilizar a economia, que levaria a uma maior intervenção estatal e a restrições no fluxo de capital.

Portanto, a desvalorização do yuan chinês representa uma estratégia com potencial para alterar a dinâmica do comércio global e intensificar as tensões geopolíticas. Embora possa proporcionar benefícios de longo prazo para as exportações chinesas, os efeitos colaterais dessa política podem desencadear uma série de desafios econômicos e políticos, tanto para a China quanto para a economia global como um todo.



**Objetivo:** Visualizar a sequência lógica que leva a China a desvalorizar sua moeda. Elementos: **Desafios Econômicos Internos:** Alto endividamento, risco de deflação. **Ações:** Desvalorização do yuan. **Resultados Esperados:** Aumento da competitividade das exportações, alívio do peso da dívida interna.

## IMPACTOS GLOBAIS DA DESVALORIZAÇÃO DO YUAN

A desvalorização da moeda chinesa, o yuan, pode ter repercussões significativas no comércio internacional e nos setores industriais globais, particularmente, em indústrias como aço, automóveis e eletrônicos. A política de desvalorização do yuan é frequentemente utilizada pela China como uma ferramenta para tornar suas exportações mais competitivas, dado que uma moeda mais fraca reduz o custo dos produtos chineses nos mercados internacionais. Esse movimento pode ser visto como uma resposta à necessidade de estimular as exportações e apoiar o crescimento econômico em meio a desafios internos, como o alto endividamento e a pressão deflacionária Amsden, (2004).

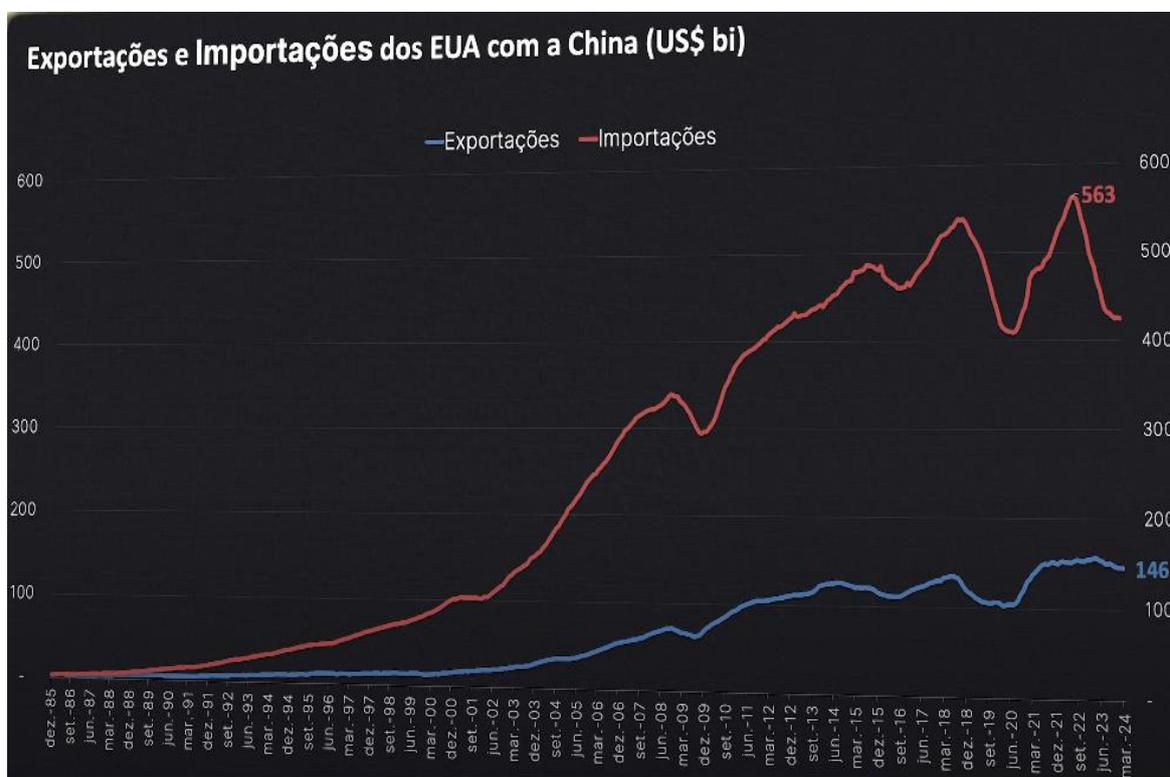
A história econômica recente da China tem sido marcada por uma expansão econômica sem precedentes, onde a combinação de planejamento estatal e abertura ao capital estrangeiro permitiu ao país integrar-se na economia global. Essa integração, como observa Arrighi, (2008), foi instrumental na ascensão da China como um centro industrial global, nas indústrias de base, como a siderurgia, e nas indústrias de alta tecnologia, como a eletrônica. No entanto, essa expansão trouxe desafios, como o aumento substancial do

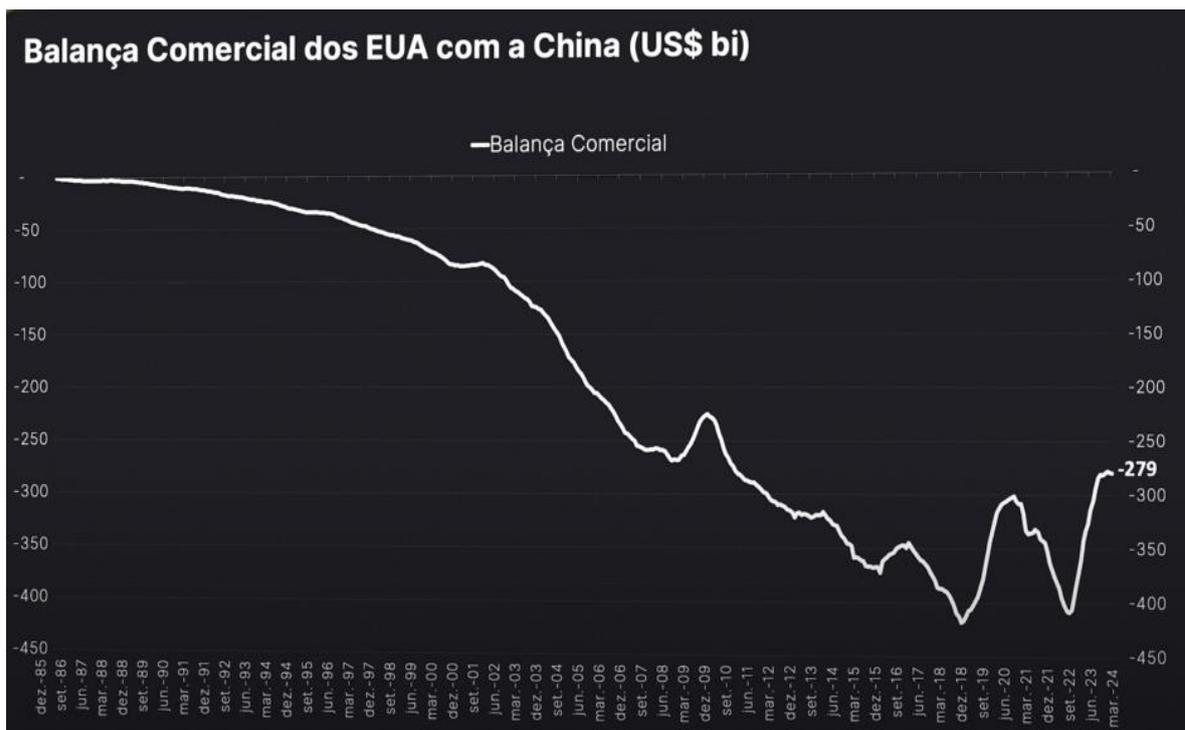
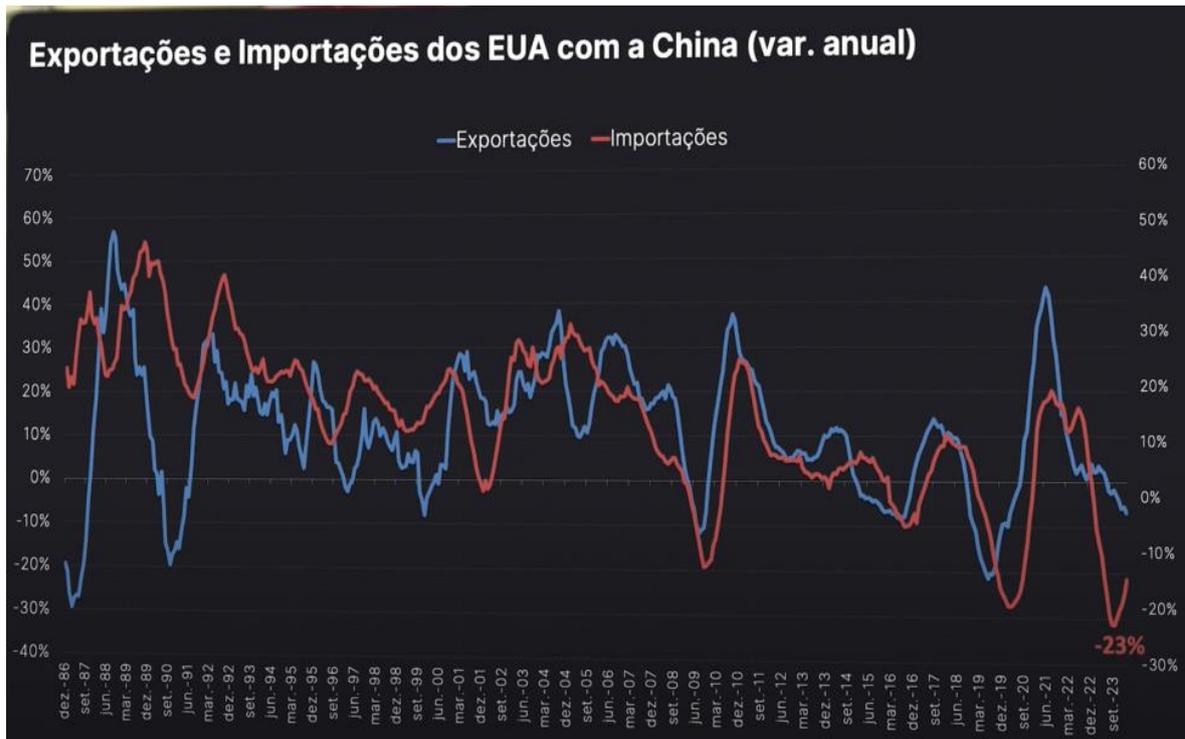


mais altas sobre produtos chineses, como já foi observado no caso dos carros elétricos, conforme apontado por Domingos, (2020).

### A NOVA GUERRA TARIFÁRIA E O CRESCIMENTO DO NACIONALISMO ECONÔMICO

O protecionismo, por sua vez, tende a se intensificar em resposta a políticas cambiais percebidas como desleais. Como destacado por Andaku, (2020), a guerra tarifária entre Estados Unidos e China já evidenciou a disposição das nações em adotar barreiras comerciais para proteger suas indústrias. Uma desvalorização adicional do yuan resultaria em uma resposta ainda mais agressiva, com a imposição de tarifas punitivas sobre produtos chineses.





A combinação de protecionismo crescente, volatilidade cambial e instabilidade financeira global poderia, segundo Wallerstein, (1999), levar a um cenário de maior fragmentação da economia mundial, com as potências econômicas que buscam fortalecer blocos regionais ou alianças comerciais exclusivas. Esse movimento de fragmentação,

por sua vez, alimentaria uma nova fase de rivalidade geopolítica, com consequências imprevisíveis para a paz e a segurança internacional.

## O PAPEL DA CHINA NA GEOPOLÍTICA ATUAL

A geopolítica contemporânea é marcada pelo papel crescente da China como uma potência global, especialmente, em termos de sua influência econômica. Conforme Xavier (2023), a América Latina, nas últimas décadas, tem experimentado uma transformação em suas relações comerciais, em grande parte devido ao que se tem chamado de "Consenso de Pequim". Esse conceito, em contraste com o Consenso de Washington, reflete uma abordagem chinesa baseada em investimentos estratégicos e acordos comerciais que buscam expandir a presença econômica e política da China na região. Essa prática é relevante para a América Latina, onde a dependência econômica em relação à China tem crescido, que reforça o padrão de acumulação, segundo Xavier, (2023).

A geoeconomia da China no século XXI, como destacado por Assis, (2020), se caracteriza por uma busca constante de influência global por meio de práticas comerciais agressivas e investimentos estratégicos em regiões como a América Latina e a África. A desvalorização do yuan poderia ser vista como uma extensão dessas práticas, que visa aumentar ainda mais a dependência de outros países em relação aos produtos chineses.

A capacidade da China de usar sua moeda como uma ferramenta de política econômica não apenas fortalece sua posição econômica, mas consolida seu papel como um ator central na ordem global multipolar emergente Huotari e Hanemann, (2023). Essa capacidade pode ser vista como uma tentativa de desafiar a hegemonia do dólar americano e de buscar alternativas no processo de desdolarização, que aumenta entre várias economias emergentes Krishnan e Kassab (2023).

Contudo, o uso do yuan como arma econômica tem seus riscos. Becker, (2012) sugere que o aumento das tensões comerciais pode levar a uma maior fragmentação da ordem econômica global, com a formação de blocos econômicos rivais. Essa fragmentação pode dificultar a cooperação internacional e aumentar a instabilidade econômica global. Além disso, a pressão sobre as economias emergentes para escolher lados em uma nova guerra fria econômica poderia intensificar as desigualdades globais e dificultar o desenvolvimento sustentável de países em desenvolvimento Jabbour, (2020).

## REFERÊNCIAS

- AMSDEN, Alice. *A ascensão do “resto”*. São Paulo: Ed. USP, 2004.
- ANDAKU, E. O papel das marcas e patentes no desenvolvimento da China. In: *Quando eu acordei o dragão estava lá: a geografia da China no século XXI*. São Paulo: Ed. USP, 2020.
- ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith em Pequim: Origens e Dinâmica da Ascensão Chinesa*. São Paulo: Ed. USP, 2008.
- ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora Unesp, 1996.
- ASSIS, Raimundo. *Geopolítica e geoeconomia da China no século XXI*. Parte I. São Paulo: Ed. USP, 2020.
- BARBOSA, Alexandre. A Ascensão chinesa, as transformações da economia-mundo capitalista e os impactos sobre os padrões de comércio na América Latina. *Revista Tempo do Mundo*, n. 24, p. 91-118, 2020.
- BECKER, Bertha. A geografia e o resgate da geopolítica. *Espaço Aberto: Revista do Departamento de Geografia da UFRJ*, v. 7, n. 2, p. 1-11, 2012.
- COSTA, Wanderley Messias. *Geografia política e geopolítica: discursos sobre o território e o poder*. São Paulo: Editora da USP, 2016.
- DOMINGOS, Corrêa. Fusões, aquisições e novos projetos de empresas chinesas no Brasil: 2003-2020. In: *Quando eu acordei o dragão estava lá: a geografia da China no século XXI*. São Paulo: Ed. USP, 2020.
- FIORI, José Luis. Estado e desenvolvimento na América Latina. *CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe*, 2020. FIORI, José Luís. *Estados, moedas e desenvolvimento*. São Paulo: Ed. USP, 2007.
- FIORI, José Luís. O poder global e a nova geopolítica das nações. *Cadernos de Estudos: Desenvolvimento e Política Econômica*, Año 2, n. 2, 2009.

FLEMING, J. Marcus. *Domestic Financial Policies under Fixed and under Floating Exchange Rates*. International Monetary Fund Staff Papers, 1962.

HUOTARI, Mikko; HANEMANN, Thilo. As potências em ascensão e mudanças na “Ordem Financeira Global”. *KAS Konrad Adenauer Stiftung*, 2023.

JABBOUR, Elias. *China: o socialismo do século XXI*. Parte II. São Paulo: Ed. USP, 2020.

KRISHNAN, Armin; KASSAB, Hanna. O crepúsculo da hegemonia do dólar americano e o mundo multipolar que se aproxima. *Austral: Revista Brasileira de Estratégia & Relações Internacionais*, v. 12, n. 23, p. 173-192, 2023.

LUEDERMANN, M. A indústria automobilística chinesa: planejamento estatal, origem e desenvolvimento da maior produtora do mundo. In: *Quando eu acordei o dragão estava lá: a geografia da China no século XXI*. São Paulo: Ed. USP, 2020.

MUNDELL, Robert A. *Capital Mobility and Stabilization Policy under Fixed and Flexible Exchange Rates*. The Canadian Journal of Economics and Political Science, 1963.

OBSTFELD, Maurice; ROGOFF, Kenneth. *The Mirage of Fixed Exchange Rates*. Journal of Economic Perspectives, 1995.

OBSTFELD, Maurice; TAYLOR, Alan M. *The Great Depression as a Watershed: International Capital Mobility over the Long Run*. In: Michael D. Bordo; Claudia Goldin; Eugene N. White (Eds.). *The Defining Moment: The Great Depression and the American Economy in the Twentieth Century*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

PADULA, Raphael. Geopolítica, Geoeconomia e Economia Política Internacional: um olhar sobre o papel estratégico da economia nas relações de poder entre Estados. *Anais do 7º Encontro da Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI)*, Belo Horizonte, 2019.

PRODUCER PRICE INFLATION (MoM). Trading Economics. Disponível em: <https://pt.tradingeconomics.com/china/producer-price-inflation-mom#>. 2024.

PU, Xiaoyu. Potências emergentes, legitimidade e mudanças normativas internacionais. *KAS Konrad Adenauer Stiftung*, 2023.

REY, Hélène. *Dilemma not Trilemma: The Global Financial Cycle and Monetary Policy Independence*. In: Federal Reserve Bank of Kansas City Economic Policy Symposium, 2013.

SHAMBARAUGH, Jay. *The Effect of Fixed Exchange Rates on Monetary Policy*. Quarterly Journal of Economics, 2004.

SPX Chart. TradingView. Disponível em: <https://br.tradingview.com/chart/CgwrGvW/?symbol=SP%3ASPX>, 2024.

TAVARES, Maria da Conceição. Império, território e dinheiro. In: FIORI, José Luís (Org.). *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TURNER, Jonathan (Org.). *Teoria social hoje*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

WALLERSTEIN, Immanuel. Análise dos sistemas mundiais. In: GIDDENS, Anthony;

XAVIER, Glauber. A América Latina sob o “Consenso de Pequim”: relações comerciais e padrão de acumulação (2012-2021). *IV Congresso Nacional de Geopolítica*, USP, 2023.